



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM
LETRAS/INGLÊS

“Passabilidade”: Uma análise comparativa do romance *Identidade* de Nella Larsen (1929) e da adaptação cinematográfica de Rebecca Hall

MARIA MILENA SOARES GOMES

ORIENTADORA: PROFA. DRA. RENATA GONÇALVES GOMES

JOÃO PESSOA
OUTUBRO DE 2024

MARIA MILENA SOARES GOMES

“Passabilidade”: Uma análise comparativa no romance *Identidade* de Nella Larsen (1929) e na adaptação cinematográfica de Rebecca Hall

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa. Orientadora: Profa. Dra. Renata Gonçalves Gomes.

JOÃO PESSOA
OUTUBRO DE 2024

FOLHA PARA FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

G633p Gomes, Maria Milena Soares.

Passabilidade: Uma análise comparativa no romance
Identidade de Nella Larsen (1929) e na adaptação
cinematográfica de Rebecca Hall / Maria Milena Soares
Gomes. - João Pessoa, 2024.

52 f. : il.

Orientadora: Renata Gonçalves Gomes.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2024.

1. Colorismo. 2. Branquitude. 3. Feminismo. 4.
Interseccionalidade. I. Gomes, Renata Gonçalves. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09

MARIA MILENA SOARES GOMES

“Passabilidade”: Uma análise comparativa do romance *Identidade* de Nella Larsen (1929) e da adaptação cinematográfica de Rebecca Hall

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa. Orientadora: Profa. Dra. Renata Gonçalves Gomes.

APROVADO EM 17 DE OUTUBRO DE 2024

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Renata Gonçalves Gomes
Orientadora (UFPB)

Aniely Walesca Oliveira Santiago
Examinadora (UFPB)

Priscilla Thuany Cruz Fernandes da Costa
Examinadora (UFPB)

Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior
Examinadora Suplente (UFPB)

RESUMO

O presente trabalho explora o romance *Identidade* (2020), de Nella Larsen, e sua adaptação cinematográfica homônima, dirigida por Rebecca Hall (2021). Na condução da análise das experiências das personagens presentes na obra, busca-se compreender como as problemáticas do colorismo atravessam a identidade e as relações sociais das mulheres negras de pele clara. Com base na epistemologia feminista interseccional, recorreremos às contribuições de autoras como Walker (1983), Bento (2022) e McIntosh (1989), Adichie (2019) para discutir os conceitos centrais sobre Colorismo e Branquitude; e Hutcheon (2011) para a adaptação cinematográfica sobre as particularidades de como as narrativas literárias são transpostas para outras mídias. Os resultados apontam que os efeitos do colorismo refletem diretamente nas mulheres negras do romance e da adaptação, além de serem afetadas pelas intenções da branquitude, impactando as vivências delas, conforme analisado nas obras estudadas.

Palavras-chave: *Identidade*, Colorismo, Branquitude, Feminismo, Interseccionalidade

ABSTRACT

This study explores the novel *Passing* (1929) by Nella Larsen, and its film adaptation of the same name, directed by Rebecca Hall (2021). In conducting the analysis of the characters' experiences in the work, the aim is to understand how the issues of colorism intersect with the identity and social relations of light-skinned Black women. Based on the framework of intersectional feminist epistemology, we draw on the contributions of authors such as Walker (1983), Bento (2022), and McIntosh (1989), Adichie (2019) to discuss key concepts of colorism and whiteness, and Hutcheon (2011) for the study of adaptation and the specificities of how narratives are transposed into other media. It is observed that the effects of colorism directly affect the Black women in both the novel and the adaptation, while also being influenced by the intentions of whiteness, impacting their lived experiences as analyzed in the works under study.

Keywords: *Passing*, Colorism, Whiteness, Feminism, Intersectionality.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, que, mesmo acreditando de uma maneira não convencional, sempre me guiou nos momentos de desespero.

Agradeço aos meus familiares: minha mãe, Cilene; meu irmão, Filipe; meu pai, Telmo; e minha tia, Roseane, que foram o combustível que me ajudou a enfrentar os desafios desta jornada. Independentemente do que acontecesse ou fosse necessário, sempre davam um jeitinho com seu árduo trabalho. Além disso, me ensinaram a trabalhar duro para alcançar meus objetivos, a ter perseverança, e acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditava.

Aos meus queridos avós, seu Chico J e dona Rosa, e ao meu amigo, Juan Esteban, que já não estão mais presentes nesta vida, mas cujo carinho, eu ainda posso sentir. Vocês nunca saíram da minha mente e permanecem vivos em mim.

Aos colegas de curso, e agora amigos para a vida: John Ryan, Sarah Xavier, João Victor, David Paredes, Sarah Cabral e Byanka Souza. Se eu não os tivesse conhecido, os anos de universidade teriam sido muito mais difíceis e sem emoção. Obrigada pelas trocas de ideias e pelo apoio mútuo. Avançamos juntos desde o início.

Aos amigos da residência: Dalila, Gabriely, Késsia, Erik, Lucas e Rueslly, por fazerem dos momentos das refeições momentos de muitas risadas. Sempre lembrarei de vocês.

Minha profunda gratidão à minha orientadora, Renata Gomes, cuja orientação foi fundamental para que este trabalho fosse concluído. Desde o primeiro momento, suas aulas foram uma inspiração, sendo excelentes e essenciais para a execução deste projeto. Muito obrigada por acreditar em mim.

À banca examinadora, composta por Aniely Walesca Oliveira Santiago, Priscilla Thuany Cruz Fernandes da Costa e Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior, por gentilmente aceitarem o convite e dedicarem seu tempo para ler e contribuir com este trabalho, enriquecendo-o com suas valiosas observações.

Agradeço também aos professores do curso, que contribuíram para minha formação acadêmica e me proporcionaram uma base sólida. Cada aula, discussão e feedback foram essenciais para o meu crescimento acadêmico.

A todos os envolvidos na produção do café, sem o qual minha sobrevivência teria sido impossível.

Aos doramas, à literatura e à música, que mantiveram minha alma viva!

A mim mesma, que, entre tantos “e se eu desistisse?”, ainda assim continuei até aqui. Quem diria, Milena!

Por fim, a todos que fizeram parte deste percurso e da minha vida, cada um de vocês merece um parágrafo aqui.

Minhas mais sinceras gratidões!

“A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.”

Chimamanda Ngozi Adichie

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 UM PANORAMA SOBRE OS CONCEITOS DO COLORISMO E DA BRANQUITUDE	13
1.1 “NO MEIO DO CAMINHO ENTRE CLARA E ESCURA – POR CERTO MARROM”: UMA ANÁLISE SOBRE O COLORISMO	13
1.2 O “PACOTE INVISÍVEL DE BENS NÃO CONQUISTADOS”: UMA ANÁLISE SOBRE AS VANTAGENS DA BRANQUITUDE	21
2 DO TEXTO À TELA: LINDA HUTCHEON E A TEORIA DA ADAPTAÇÃO	30
2.1 A DINÂMICA DO COLORISMO ATRAVESSADA PELO PRIVILÉGIO BRANCO NAS PERSONAGENS DA TRAMA	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Na dinâmica da engrenagem social a identidade é uma busca inerente dos seres humanos a fim de se determinarem dentro ou fora de esferas de interesse, especialmente quando tamanha essência é examinada através das lentes do colorismo, que se situa como uma camada mais densa. Nesse contexto, esse fenômeno, intrinsecamente ligado às diversas tonalidades da pele negra, é delineado por uma realidade complexa, haja vista, a cor da pele não apenas se manifesta como uma característica física, mas torna-se uma partícula modeladora das experiências e percepções de uma maneira que transcende as aparências superficiais.

É crucial relatar que o tema escolhido nasce da própria experiência acadêmica. Após disciplinas como “Mulher e Literatura”, além de explorar as Literaturas estadunidenses, nas quais foram abordados diversos tópicos que se voltavam aos estudos de raça e o processo colonizador que forçou uma visão única dos povos de origens africanas, um campo de conscientização emergiu, e incitou o desejo em buscar mais questões de mesma natureza, assim chegando a filmes que retratam o tema como *Identidade* que me apresentou à escritora Nella Larsen.

Contudo, após conhecer superficialmente sobre o apagamento sofrido pela escritora - mulher e negra -, e seu afastamento permanente da produção literária subsequente a isso, resolvi, então, ampliar os conhecimentos. Percebi, então, que existiam lacunas iminentes, uma vez que há escassez de trabalhos e pesquisas sobre sua história e carreira, especialmente na Paraíba. Assim, isso se tornou então o combustível para levar adiante a pesquisa no final da trajetória acadêmica que aqui se encontra.

Dentro dessa conjuntura, o principal objetivo do presente trabalho visa analisar de que forma a identidade racial das duas personagens principais, Irene e Clare, é atravessada pelo colorismo no romance da obra “*Identidade*” (1929) da escritora estadunidense Nella Larsen, assim como a sua adaptação cinematográfica única de mesmo nome, lançada em 2021 e dirigida por Rebecca Hall.

É importante frisar que a versão escolhida para o estudo e construção deste trabalho foi a tradução brasileira por Rogerio W. Galindo, publicada pela editora Harper Collins Brasil (2020), sendo o primeiro contato após a adaptação, e devido a sua relevância em traduzir as nuances culturais e linguísticas mantendo a integridade original da obra.

Na obra, Larsen consegue habilmente expor a teia da discriminação pelo colorismo que remonta os efeitos da branquitude, cujas raízes estão ligadas ao idealismo irreal da hegemonia branca, como “raça padrão”. Assim, buscaremos analisar também como a branquitude influencia a identidade das mulheres negras. Dessa forma, destacamos a abordagem feminista interseccional para tratarmos das camadas de desvantagem social que estas mulheres, em suas diferentes tonalidades da cor da pele, enfrentam, como contribuição necessária para este trabalho.

A estadunidense Nellie Walker (1891-1964), conhecida pelo nome Nella Larsen, foi uma romancista e contista nascida em Chicago, e foi um dos nomes da era da renascença do Harlem. No entanto, a partir de sua bibliografia, descobrimos que os escritos não eram o seu único trabalho. Larsen foi bibliotecária em outro momento de sua vida, além de ter se graduado enfermeira, profissão que seguiu trabalhando até a morte (Hutchinson, 2006), logo após deixar a sua vida como escritora. Ela escreveu alguns contos e dois romances de sucesso na época, “*Quicksand*” (1928), ainda sem tradução para o idioma português-brasileiro, e “*Identidade*” (2020), originalmente publicado em 1929.

Na biografia da autora, Hutchinson (2006) explora a vida de Nella Larsen, explicando que, após a publicação de seu segundo e último romance, ela se afastou do meio literário devido a acusações de plágio que nunca foram comprovadas. No entanto, o que ocorre quando uma mulher negra é alvo de tal difamação e quais são as consequências disso? Como ela pode lidar com essa recepção às suas obras? Os efeitos foram tão devastadores que acabaram destruindo sua carreira, fazendo-a perder o renome como escritora.

Contudo, reparações históricas têm sido feitas recentemente para que a autora recupere seu reconhecimento como uma das figuras mais proeminentes do Renascimento do Harlem, ainda que tardiamente. Um desses esforços foi a

publicação de sua obra pela editora Penguin, incluindo-a na coleção *Penguin Classics* em 2003, o que reafirma seu status de obra essencial para ser lida.

É indubitável mencionar que esse apagamento não é um caso isolado em relação às mulheres negras. A escritora Zora Neale Hurston, por exemplo, também enfrentou a marginalização, uma vez que sua escrita era considerada "muito negros" (Greelane, 2018)¹. Assim, sua obra foi desvalorizada pelo coletivo branco, e sua história foi se apagando ao longo do tempo. Além disso, Hurston destacou-se na mesma época que Larsen, no contexto do Renascimento do Harlem.

A Renascença do Harlem foi um período em que o movimento negro literário e cultural se ascendeu depois de todas as atrocidades que vinham sendo cometidas, como a escravização e a segregação pelas leis Jim Crow, que deixaram a vida da população afro-estadunidense mais difícil, mesmo após o abolicionismo. Tal movimento foi, então, a resposta por parte desta comunidade que, com o florescer da cultura artística e literária desses povos, trouxe à tona o orgulho por seus aspectos culturais e identitários. Foi nesse contexto que o objeto de estudo do presente trabalho foi escrito por Nella Larsen, nome muito popular na época, mas que durou até o início do seu apagamento que perdurou por gerações.

O livro "*Identidade*" foi publicado em 1929 e a trama é voltada para o encontro de duas mulheres negras que eram amigas de infância até que uma delas, Clare, muda-se, abandonando todas as suas raízes. Após longos anos, com suas vidas feitas, as duas amigas, Clare e Irene, se encontram ocasionalmente em um restaurante. No início há uma estranheza por Irene, pois ela acreditava ter sido descoberta - uma mulher negra em um restaurante restrito para brancos - pela pessoa que a encarava, Clare, até o momento em que as duas recordam os tempos passados, assim reconstruindo tamanha afeição.

O que mais chama a atenção na história é o fato de que as duas mulheres têm uma tonalidade de cor de pele muito clara que podem se "passarem", a qualquer pessoa, como mulheres brancas; o que acontece é que Clare casou-se com um homem branco e vive desde então com os privilégios de uma mulher branca sem que as pessoas ao seu redor, incluindo seu próprio marido, percebam a sua verdadeira

¹ s.p.

origem, enquanto que Irene demonstra ser quem é, mas que inclina-se para certos questionamentos sobre a sua cor de pele que vão surgindo durante a trama.

A adaptação cinematográfica, por sua vez, nos transporta para o campo visual, diferentemente da obra escrita, apresentando um ambiente menos recôndito. Ao fazer uso das imagens que detalham a vida naquele momento que se passa a história como os penteados, trajes e a ambientação, incute uma experiência diferente que nos leva aos anos 1920.

Sendo todo produzido nas cores preto e branco para aproximar-se mais com a época, também tal característica se encontra como uma estratégia para ressaltar o tema central da obra. Essa experiência se sobressai sem que seja necessário recriar a história nas paredes psicológicas da imaginação, como acontece com a leitura do livro, aumentando o impacto emocional da realidade que se encontra a história.

Nos capítulos que se seguem, os objetos de estudo, o romance "*Identidade*" e sua adaptação serão desenvolvidos, sendo o primeiro capítulo uma revisão dos conceitos fundamentais em que norteará a análise da obra, especialmente, os temas do colorismo e branquitude, dentro do campo do feminismo interseccional. Ademais, o segundo capítulo consistirá no detalhamento da análise aprofundada dos objetos de estudo com o intuito de responder os questionamentos tidos como cruciais que envolvem a construção da identidade racial das mulheres negras que se veem submersas nessa ambiguidade cultural como estadunidenses afrodescendentes.

1 UM PANORAMA SOBRE OS CONCEITOS DO COLORISMO E DA BRANQUITUDE

Neste capítulo, aprofundaremos conceitos fundamentais, como o conceito do colorismo, a partir de Alice Walker, abordando como esse fenômeno permeia a construção da identidade racial das personagens. Além disso, discutiremos a branquitude de Cida Bento, um conceito intrinsecamente ligado ao colorismo, que desempenha um papel crucial na formação da identidade das mulheres negras e nas dinâmicas sociais em que estão inseridas.

Partindo do feminismo interseccional como viés epistemológico deste trabalho, a intersecção de raça e gênero também é explorada, uma vez que as experiências das personagens retratadas por Nella Larsen são moldadas pela complexidade das camadas de opressão como o racismo, machismo, além de outras formas de subjugação social, como é o caso do privilégio da branquitude que descarta uma melhor oportunidade de vida das comunidades negra. Dessa forma, buscamos compreender a interação que determina a identidade das personagens que a narrativa informa.

Em síntese, tais elementos são precisos para ampliar a nossa compreensão sobre a análise da obra "*Identidade*" da romancista Nella Larsen, bem como sua adaptação para o cinema, que servirão como alicerce para este estudo.

1.1 “NO MEIO DO CAMINHO ENTRE CLARA E ESCURA – POR CERTO MARROM”: UMA ANÁLISE SOBRE O COLORISMO

A obra de Nella Larsen, objeto de nossa análise, é permeada pelo fenômeno complexo do colorismo, que lança luz sobre a multifacetada camada da identidade das personagens. Ao longo da narrativa, testemunhamos uma experiência de fragmentação identitária racial das protagonistas do romance, Irene e Clare, que se desdobra em múltiplas nuances, revelando diferentes matizes do colorismo na vida das personagens.

Tal fragmentação não é apenas uma questão superficial, mas também uma jornada emocional e psicológica que expõem as consequências profundas do

colorismo em suas vidas. Demonstra como a percepção da cor de pele, eventualmente, conduz influência nas interações em sociedade das pessoas negras com a branquitude e, até mesmo, entre si, dentro de uma dada cultura; haja vista, a própria negritude.

A escritora afro-estadunidense Alice Walker, muito conhecida por suas obras ao descrever experiências que as mulheres negras enfrentam numa sociedade que serviu como pilar para a escravização, escreveu um ensaio que o intitulou como: “Se o presente se parece com o passado, como será que o futuro se parece?”. Neste ela conceitua o termo Colorismo como “o tratamento preconceituoso ou preferencial dado a pessoas da mesma raça baseado somente na cor da pele” (2021, p. 337); mais especificamente, nos tons da pele negra.

Aliás, o título desta sessão é inspirado por uma citação de Alice Walker, na qual ela descreve a aparência de sua própria pele ao abordar o tema do colorismo. Ademais, essa reflexão faz parte do ensaio citado anteriormente, que será explorado em maior profundidade mais adiante.

O fenômeno do Colorismo permeia negativamente as experiências das pessoas negras nas interações sociais, bem como o que diz respeito a sua identidade, promovendo uma esfera desfavorável que reforça as raízes de uma herança racial discriminatória e hierárquica, cujas características são colonialistas. Esse processo provoca uma estratificação da cultura do povo negro até mesmo dentro da própria comunidade étnico-cultural, no entanto, no que se refere às mulheres negras, essa experiência é ainda mais hostil.

Walker (2021, p.338) argumenta que:

É provável que haja tantas diferenças entre a vida de uma mulher negra de pele escura e a de uma mulher negra de pele clara quanto há entre uma mulher negra de pele clara e uma mulher branca. E vivo preocupada com o ódio com o qual essas mulheres de pele mais escura se deparam dentro da comunidade negra. Para mim, a mulher negra com muita melanina é nossa mãe primordial – quanto mais negra, mais nos representa –, e ver o ódio que é direcionado a ela é o suficiente para quase me levar ao completo desespero em relação ao nosso futuro como um povo.

Nesse excerto de Walker, destacamos o nosso enfoque epistêmico que se volta para a interseccionalidade entre raça, gênero, e classe, revelando a

complexidade que é ser uma mulher negra retinta em uma sociedade marcada por mais de uma forma de opressão, recaindo em grande escala sobre o gênero feminino. Nesse viés, a autora ressalta as distintas experiências de mulheres negras com mais melanina do que as outras, inclusive, ressaltando como elas são vistas no lugar que deveriam se sentir apoiadas e compreendidas (a sua própria comunidade negra), tendo como resposta uma espécie de “ódio”, ou seja, um tratamento diferenciado e não atrativo, por parte destes.

Enquanto isso, as negras de pele clara - com menor grau melamínico -, por outro lado, não passariam pela mesma questão com a mesma intensidade em que é direcionado; logo, estaria mais semelhante à aparência eurocêntrica. Ademais, Walker lança uma indagação quanto a geração futura, destacando uma inquietação sobre a persistência do comportamento preconceituoso que permeia as experiências mesmo após tantas tentativas de mostrar-se os efeitos negativos, como o que será destrinchado a seguir.

Ilustrando histórias passadas de sua própria vivência, Walker traz à memória a sua colega de adolescência “*Doreena*” que tinha a pele “bem escura”, entrando na questão da beleza e estabelecendo a relação com o colorismo. Naquela época, relembra a autora, “a palavra “linda” propriamente dita nunca era usada para descrever mulheres negras” (2021, p. 397). Por sua vez, continua a escritora, o adjetivo “linda”, “era para mulheres brancas e mulheres negras parecidas com você”, isto é, mulheres de pele clara. *Doreena*, então, foi rejeitada pelos pais de seu namorado, que tinha a pele clara, pois eles disseram que ela era “muito escura e que ficaria deslocada em sua família cor de café com leite” (2021, p. 398).

Ao trazer à tona tal narrativa que conta a história de sua amiga *Doreena*, Walker demonstra que o fato de se ter a pele escura está associada diretamente à falta de beleza, não apenas na ampla sociedade, mas ao mesmo tempo, um conceito de desvalorização da beleza negra é recriado dentro da comunidade conhecida, moldando a vida da mulher retinta, já que, por outro lado, a mulher clara se assemelha ao que seria ser incluída dentro do que é considerado beleza, se pensarmos no padrão dominante.

A autora, na tentativa de expor e denunciar a questão do colorismo, dialoga com a sua própria experiência. Ela se apresenta como mulher negra, mas que está “no meio do caminho entre clara e escura – por certo marrom –” (2021, p. 395), ou seja, não clara, mas ainda “mulher escura” (p. 399). Nisso, declara que ela se enquadra no espaço de fala quanto ao fenômeno que analisamos neste trabalho e, para isso, faz uma observação com a experiência que a sua filha mestiça teve, por não ter nascido com a pele escura. Analisa a autora (Walker, 2021, p. 396):

muito do que aprendi sobre raça deve-se ao fato de eu ter uma filha mestiça. Por ela ter a pele mais clara, o cabelo mais liso do que o meu, sua vida – nessa sociedade racista, colorista – é infinitamente mais fácil. E assim compreendi a programação sutil da qual eu, minha mãe e minha avó antes de mim também fomos vítimas

Diante o exposto, as observações introspectivas de Walker, possibilitam discernir as facetas do colorismo a partir do lugar de privilégio da filha fazendo uma ponte com a experiência divergente de sua amiga *Doreena*, não positiva. Indubitavelmente, o modo como as duas vivem foi delineado pela sua aparência e a qual extensão as duas estariam mais ou menos próximas do conceito de estética ocidentalizada, que estaria de acordo com a pele mais clara possível e o cabelo menos crespo e mais esticado.

É a partir da constatação do quão mais fácil é a vida da filha e dos preconceitos sofridos por *Doreena* pela irmandade negra, que a autora denuncia a perpetuação insidiosa do colorismo na realidade em que essas mulheres de pele retinta estão inseridas, assim como outras formas de opressão imbuídas nas percepções de beleza relacionadas à pele escura.

Esse desalinhamento exclui as mulheres de pele escura, as quais são em grande escala mais afetadas quanto ao preconceito posto devido a sua tonalidade de pele, recriando o próprio padrão eurocentrista, pois a pele negra clara estaria o mais próximo dessa imagem “padronizada” que incute uma ideia de beleza ideal, a qual é influenciado pela imagem que a branquitude estabeleceu sobre a beleza de uma mulher.

Nessa dinâmica, é imposto um ideal estreito de beleza que exclui diretamente as características das mulheres escuras, promovendo uma hierarquia de valor que é

baseada na aproximação com os padrões ocidentais de aparência que vão na contramão da pele escura com cabelos crespos, por exemplo. Esses discursos são advindos da branquitude, principalmente, em grande parte, a partir de diálogos de homens brancos e exploradores que usam da escrita para determinar esses padrões de valor.

Dessa forma, as mulheres que têm a pele mais escura podem se ver fora de tal padrão e até mesmo excluídas, pois as não retintas não sofrem esse mesmo tipo de acentuação quanto aos preconceitos vivenciados em uma sociedade com laços eurocêntricos, e até mesmo não estão conscientes na reprodução das discriminações que se tornam, em certa medida, naturais.

Para enfatizar a problemática, Walker (2021) dialoga com seus pensamentos com os de Trelle Jeffers em que dá continuidade a suas críticas ao dizer que o colorismo se situa como uma “arma”, ou seja, estratégia do racismo para continuar exaltando a sua própria dominância. Para tal, ela usa a afirmação de Jeffers (p.400/401), em que diz:

Há a grande arma do racismo cruel apontada para as mulheres pretas de pele escura pela classe média negra. A classe média negra vem excluindo essas mulheres do coração da sociedade negra há gerações e tem, com essa discriminação, induzido em si mesma um câncer segregador que vem dividindo o povo negro deste país em setores polarizados; como consequência, a classe média negra devorou sua própria alma e está condenada, como crê grande parte da classe trabalhadora negra, à extinção. Que é que há? Há uma insanidade que tem ajudado brancos a jogar negros contra si mesmos e que tem levado a classe média negra a cavar para si uma espécie de aniquilação psíquica

Nesse sentido, essa arma mencionada seria um mecanismo psíquico que advém da população branca para continuar a ter seus efeitos, em uma maneira mais velada, dentro da população negra, fazendo com que alcancem essas pessoas e as façam reproduzir sua hostilidade, tornando a permanência de seus próprios privilégios ativos.

Outra questão é o fator da “aniquilação psíquica”, em que Walker vai tratar de como o colorismo vai dominar as comunidades negras fazendo com que o tratamento para com aqueles que sejam mais próximos à figura da “mãe primordial” seja classificado como inferior e, conseqüentemente, mais pobre.

Nesse contexto, a hierarquia econômica se entrelaça com a racial, resultando na precarização das condições de vida daqueles que são considerados mais próximos ao padrão de beleza eurocêntrico. Observa-se que a “arma” é advinda da marginalização da branquitude para com a negritude e estruturada para ser reproduzida entre aqueles do coletivo étnico negro por si mesmos causando a desigualdade entre a negritude.

Além de usar observações do seu cotidiano, Walker, estende a sua análise para dentro do campo literário, ilustrando como as questões do colorismo perpassam a realidade e alcança uma continuidade no texto escrito, vale mencionar que por autoras negras, sendo esse um dos pontos que corrobora ainda mais para a questão da discriminação racial. A partir disso, a autora vai destacar passagens em que a mulher negra é representada de maneira estereotipada pela lente do colorismo em que os comentários seguem uma linha de comparação à brancura que ela se assemelha, exaltando os traços claros sobre os negros.

Dentre exemplos apresentados, os comentários como a mulher com “as mãos branca bunita dela”; ou os “olhos azuis bunitos, e ela é branca igual qualquer um nesse lugá”; além de a “mão delicada, branca, delgada, cheia de covinhas!” (Walker, 2021, p.402), ilustram o lugar de inferiorização em que as mulheres de pele escura foram despejadas, refletindo a intensidade com que a reprodução dos estereótipos sempre retrata a beleza como ligada à pele clara e o mais parecida possível com a figura da mulher branca. Por outro lado, ao que tange o quesito mulher negra retinta, elas são consistentemente retratadas em romances por aspectos negativos, não apenas “como fisicamente indistinguíveis das brancas” (Walker, 2021, p. 404), mas também são caluniadas com falta de caráter.

A distorção da visão da mulher retinta é tamanha que muitos dos preconceitos que elas sofrem, até mesmo a própria violência sexual, são aceitos pelas mesmas, como é o caso das escritoras negras dos exemplos supracitados que retratam sempre as mulheres brancas, pois se parar para pensar, as escritoras negras eram poucas e assim, na mesma intensidade era com as leituras negras, pois o público que tinha acesso aos livros literários era descendente da população euro central.

Aliás, Walker, afirma que a mulher negra não era a imagem que utilizavam como exemplo para serem personagens principais nas obras, a não ser nos padrões de representar ela como um “problema ou (...) uma piada” (2021, p. 407); a mulher preferida era a de pele branca, e isso perdurou até o ano de 1929 quando a primeira obra que tratava das reais dificuldades que a mulher negra de pele escura enfrenta com o colorismo veio a ser publicado.

Em um estudo relevante de outra pesquisadora, Quéren Oliveira (2022), a autora Walker também é explorada a partir de suas contribuições por meio de seu conto “*Everyday Use*” (1973) em que ela também expõe os estereótipos que remontam os discursos da época colonial a partir de suas personagens. Tal pesquisa é uma análise que cumprimenta o trabalho aqui presente, e que demonstra as pesquisas que vêm sendo feitas para contribuir com os temas relacionados as questões raciais em uma perspectiva feminista interseccional.

Diante desse cenário que vem sendo discutido, torna-se imprescindível explorar e compreender o contexto histórico e social que fundamenta a dinâmica do colorismo, cujas raízes remontam ao período colonial que aprofundaremos com a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

No discurso da autora Adichie (2019) para a plataforma TED² intitulado “O Perigo de uma História única³” que posteriormente foi transposto em formato de livro de mesmo nome, sendo esse segundo o formato escolhido para uso neste trabalho, menciona o fato de que as leituras a que ela tinha acesso quando mais nova eram todas escritas pela branquitude, por autores norte-americanos e britânicos, e, por conseguinte, a realidade deles era levada à tona.

Em suas palavras ela menciona o fato de que ela escrevia desde quando ainda era uma criança. No entanto, tais escritos eram inspirados nos que ela lia na época, haja vista, os personagens de suas histórias “eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído”, (Adichie, 2019). A escritora ainda continua dizendo que nas suas histórias, costumava adicionar elementos que nem ela mesma sabia o que

² Disponível ao público na plataforma do YouTube: <https://youtu.be/D9lhs241zeg?si=fJov5OBecciZYyeL>

³ Tradução: *The Danger of a Single Story*.

significava, como era o caso da neve, que ela nunca tinha visto, pois não existe neve onde ela morava.

Nesse ínterim, a escritora reafirma as palavras antes colocadas e criticadas por Alice Walker em que os afrodescendentes não eram refletidos nas histórias escritas, inclusive, mulheres negras, onde costumavam ser apenas ridicularizadas. Por outro lado, há um grande efeito que provocam na vida daqueles que acabam por ser desprovidos desse sentimento de reconhecimento que, como a autora menciona, ela desconhecia esse momento de espelhamento, e se não fosse pelo descobrimento dos livros escritos por africanos, ela pensaria que a história só existiria por um único lado.

Ainda nessa linha de pensamento, o perigo da visão única recria um estreito recôndito em torno dos que são arrastados para margem, pois denota uma aparência superficial e errônea de um povo, que pode, então, dar início a um estereótipo. Assim, também, acontece com a família de Fide, um menino que trabalhava em sua casa com serviços domésticos, que a nigeriana apresenta em suas falas. Segundo Adichie (2019, n.p):

Certo sábado, fomos ao vilarejo de Fide fazer uma visita. Sua mãe nos mostrou um cesto de palha pintado com uns desenhos lindos que o irmão dele tinha feito. Fiquei espantada. Não havia me ocorrido que alguém naquela família pudesse fazer alguma coisa. Eu só tinha ouvido falar sobre como eram pobres, então ficou impossível para mim vê-los como qualquer coisa além de pobres.

O relato de Adichie demonstra que ela tinha uma única informação sobre a história de Fide e sua família e por isso seu espanto foi tremendo ao ter conhecimento sobre o talento deles com os cestos e desenhos. Seu descontentamento com a situação fica claro quando ela menciona que “ficou impossível” ver além das informações distorcidas que haviam a contado.

Paralelamente as subjugações sobre Fide e sua família, é válido acrescentar que Adichie é uma mulher negra africana, no entanto, na lente da crítica feminista interseccional destaca numa classe de privilégios, evidentemente reconhecido pela autora, que outras mulheres, como é o caso da mãe de Fide, não os possui.

Seguindo tal lógica, fica explícito que a narrativa ilustra como funciona o estratégico diálogo usado no período da colonização ao colocar em pauta apenas

aquilo que “preferem” mostrar para os outros, como uma arma, assim supracitado em parágrafos anteriores que a Alice Walker menciona. Inequivocamente, tal diálogo é usado como uma maneira de controle, apagando a história de uma outra cultura, ou completamente deturpando os fatos para que funcione de acordo ao enaltecimento de uma outra cultura, assim surgindo a problemática de uma história única, a história da branquitude.

Ainda, temos novamente a literatura como fator principal para a disseminação dos discursos ocidentais de cunho negativo que se relacionam com a história dos afrodescendentes, já que a literatura lida seria a da classe predominante branca. Conforme mencionado por Adichie (2019), autores que detinham de um discurso colonialista, e *per se* racistas, da época, costumavam escrever discursos como “animais que não tem casa”, além de descreverem as pessoas negras como “um povo sem cabeça, com a boca e os olhos no peito”, “metade demônio, metade criança” (p. 11). Dado que não há diferenças, a não ser a cor da pele, fica evidente que essa denotação serve apenas para ridicularizar o povo assim como em outras culturas ao redor do mundo.

Assim, Adichie (2019) reconhece esse tipo de discurso que foi contato várias vezes e transformado em uma espécie de senso comum - dos povos que foram subalternizados durante a história pelo ocidente. Também, a autora demonstra como que mesmo sendo uma mulher, negra e nigeriana, ainda pode internalizar um pensamento opressor, como foi demonstrado por ela, no exemplo.

No capítulo a seguir, discorreremos sobre a branquitude a fim de fomentar as discussões e compreender como esse elemento fundamenta as raízes do colorismo, como discutido a partir das autoras Walker (2021), Adichie (2019) e Oliveira (2022), agindo como principal elemento para a discriminação aqui analisada.

1.2 O “PACOTE INVISÍVEL DE BENS NÃO CONQUISTADOS”: UMA ANÁLISE SOBRE AS VANTAGENS DA BRANQUITUDE

Nesta seção, assim como mencionamos anteriormente, buscaremos explorar a branquitude como um fator que impulsionou e moldou a história, principalmente por meio da manutenção dos preconceitos racistas. Para isso, com o intuito de

analisarmos as raízes da problemática de como a branquitude se manifesta nas relações raciais, abordaremos as obras de Cida Bento com seu livro, *O pacto da Branquitude* (2022), além da autora Peggy McIntosh com seu ensaio, *White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack* (1989), para fomentar a discussão sobre os privilégios da branquitude.

As duas escritoras destacam em suas obras conceitos relevantes relacionados à problemática da branquitude e que por fim se complementam, ampliando a compreensão quanto ao significado do termo e o que implica socialmente. Bento (2022) analisa em sua obra o que ela chama de “pacto narcísico”, em outras palavras, a manutenção de uma estrutura comum nos diversos espaços, como locais de trabalho, que assegura a manutenção dos privilégios na dinâmica das relações sociais. McIntosh, por outro lado, critica como essa manutenção é passivamente naturalizada e as vantagens são adquiridas sem que os próprios indivíduos brancos tenham conhecimento.

Nessa perspectiva, podemos perceber que as duas autoras se referem e defendem a visão sobre a branquitude como não apenas uma identidade racial, como as pessoas pertencentes etnicamente ao grupo de brancos; no entanto, a definem a partir da relação de privilégios sociais ligada diretamente à brancura que influencia nos setores sociais e que são mantidas por um elo que é ignorado inconscientemente pela população branca.

A partir desse panorama, torna-se evidente que o colorismo não é um fator isolado, haja vista, a exploração colonial e o maquinismo das estruturas de poder que emanam da ideologia da supremacia branca, foram fatores principais para a construção da discriminação racial. Tal configuração é um resultado do período histórico colonial em que um grupo social usou de mecanismos coercitivos e violentos para se ter dominação sobre outros grupos, resultando nas adversidades sociais.

Assim, de acordo com Bento (2022), a branquitude não é apenas o que envolve o preconceito sobre a cor da pele e a cultura do outro. Todavia, ela relata que, além disso, se inclina para os privilégios provenientes da rede de desigualdades que desencadeiam um tratamento indiferente com as pessoas negras, negando

oportunidades que favorecem as pessoas com menos melanina nas diversas ocupações sociais. Dessa forma, tornando a vivência invisibilizada e negada socialmente.

Essa constatação foi um processo em que Bento, como mulher e negra, concluiu após passar por diversos processos de seleções de trabalho em instituições em que ela tentava fazer parte. Isso resultou em uma observação minuciosa das experiências dela e de outros profissionais da mesma classe racial, suscitando questionamentos sobre uma padronização que foi detectada dentro dos setores de trabalho.

Por outro lado, verificou-se como um viés beneficiador para pessoas brancas, especialmente pertencentes ao sexo masculino, ou seja, aqueles que se encontram no topo dos requerimentos necessários dentro dos padrões eurocêtricos. Haja vista, Bento passou a enfrentar grandes dificuldades em conseguir ser a escolhida para vagas de emprego. Ainda, essa dificuldade perdurou mesmo quando seu currículo se sobressaiu em mostrar superioridade em relação aos demais perfis de homens branco (Bento, 2022).

Na opinião de Bento (2022, p. 18), o fenômeno da branquitude seria então esse maquinismo em que:

As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistema de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco.

Nesse sentido, o exposto indica que todas as instituições que podem moldar a engrenagem social, por serem responsáveis pelo funcionamento e organização social, são também executores de padronização nos processos seletivos de trabalho. Dessa forma, elas administram até mesmo os valores de cada ambiente. Inequivocadamente, destacamos, novamente, um grupo que domina tais setores, como é o caso dos homens brancos.

Nessa conjuntura, Bento expõe aquilo que chama de “pacto narcísico”, descrito como uma característica - consciente ou inconsciente - da branquitude em

manter os seus privilégios, ou seja, a sua autopreservação. Esse conceito age silenciosamente, sem ser propriamente combinado formalmente entre as pessoas brancas, e persiste dentro da engrenagem social. Ainda, são comandadas pelo próprio coletivo, permanecendo donos em massa das empresas e organizações que regem as esferas sociais.

No entanto, uma das características que sustenta essa aliança se encontra na negação em se unirem e questionarem esses privilégios diretamente, suprimindo a conscientização das consequências que seus atos têm sobre o outro, e que são direcionados e mantidos pela branquitude. Com isso, essa falta consciente em desafiar o padrão discriminatório social invoca uma continuidade dos preconceitos e sustentação de suas posições de poder social em como as pessoas negras são percebidas na dinâmica social.

Outrossim, uma outra visão referente a ideia do “pacto narcísico” abordada por Bento, pode ser mais bem compreendida a partir do conceito de McIntosh (1989). A autora aborda como as vantagens obtidas dentro da irmandade da branquitude sustenta mais eficazmente o ideário branco a ponto de tornarem os privilégios “invisíveis”. Ela argumenta (1989, p. 1) que:

Passei a ver o privilégio branco como um pacote invisível de bens não conquistados com que posso contar todos os dias, mas sobre os quais estava “destinado” a permanecer alheio. O privilégio branco é como uma mochila invisível e sem peso com provisões especiais, mapas, passaportes, livros de código, visas, roupas, ferramentas e cheques em branco (tradução nossa).⁴

De acordo com o exposto, a escritora usa de uma metáfora que a nomeia de “bagagem invisível” que apenas a branquitude carrega, onde estão arquivadas diversas vantagens. O coletivo branco, no geral, consegue acessar essa bagagem por conta de privilégios, não abertos para os outros grupos étnicos. Com isso, se beneficia da vivência mais confortável devido às oportunidades que surgem facilmente, não apenas como é percebida pela sociedade, mas também, o acesso

⁴ *I have come to see white privilege as an invisible package of unearned assets that I can count on crashing in each day, but about which I was “meant” to remain oblivious. White privilege is like an invisible weightless knapsack of special provisions, maps, passports, codebooks, visas, clothes, tools and blank checks.*

aos lugares e questões como educação e profissionalização, assim como Bento (2022) defende em sua obra *O Pacto da Branquitude* ao discorrer sobre os espaços de trabalho.

Apesar do fim da colonização das terras, seguidamente ao da escravização dos povos afrodescendentes, é possível identificar certos padrões discriminatórios enraizados atualmente, como é o caso de expressões idiomáticas que utilizamos inconscientemente ou os casos de “*blackface*”⁵, discursos e ações que remontam esse período e que foram produzidos pela branquitude. Portanto, essas ocasiões são características inconscientemente que preservam o preconceito sobre povo o negro, no entanto, uma outra questão é o perfil predominante no campo de trabalho.

Como mencionado anteriormente, a esfera laboral atua como uma das grandes oficinas de padronizações que existem, sobretudo, quanto à interseccionalidade entre gênero e raça. Inclusive, uma das grandes contrariedades que há é o caso de a maioria dos indivíduos que fazem parte dessas empresas, como é o caso das que têm históricos ativos recorrentes da era colonial, serem majoritariamente pessoas brancas. E, com isso, uma das questões pendentes que Bento (2022) aponta é a falta de inclusão de pessoas negras nesses espaços.

Com a abolição do regime escravista, um detalhe que tem sido recorrente diz respeito às empresas buscarem sempre implementarem em seus discursos os usos de substantivos como “igualdade” e “equidade”, ao se referirem como um setor em que a predominância seria um perfil igualitário entre homens e mulheres, todavia, contrariamente, a presença de homens brancos é constante, ainda que tenha decaído com o tempo e as mulheres continuam adentrando esses espaços em lentidão.

Consoante a isso, podemos lembrar Walker (2021) no capítulo anterior sobre colorismo, em que a autora expõe os discursos de homens brancos que regiam as escritas literárias. A partir destes escritos, moldaram estereótipos sobre as mulheres pretas, perpetuando os preconceitos sobre os negros, especificamente sobre o feminino negro. Da mesma forma, mas em padrões distintos, Bento (2022)

⁵ O *Blackface*, segundo o site Geledes (2015), era utilizado nas encenações nos teatros e, conseqüentemente, cinema, como uma maneira que pessoas brancas usavam a fim de ridicularizar a cultura negra.

expõe como as esferas de trabalho são formuladas e reformuladas a partir de um consenso entre brancos - e, principalmente, homens - que excluem as pessoas negras, recaindo em um maior grau para com as mulheres negras.

Assim como a literatura, inicialmente produzida por homens brancos, buscou que mantivessem as mulheres fora do campo de desenvolvimento intelectual da escrita, atualmente, a maneira que se apresenta é diferente. A partir dos escritos literários, padronizações do que era considerado ser mulher branca ou mulher negra foram recriadas. Em Bento (2022), todavia, a dinâmica que se estabelece está acentuada na sistematização psicológica que busca, a partir de sistemas de exclusão, marginalizar a vivência de pessoas negras no contexto social.

Ao que tange às mulheres negras, estas enfrentam uma dupla discriminação tanto pela sua raça quanto pelo seu gênero, recaindo em maior proporção a cargos que são subalternizados, ou que são de menor visibilidade. Além disso, há o cenário da discriminação colorista. Na obra *Identidade*, por exemplo, Irene, protagonista, tem uma mulher negra que trabalha como dona de casa e esta é uma mulher que tem a pele mais retinta, enquanto Irene lida com outras questões da casa, como cuidar dos filhos.

Nesse aspecto, as autoras, Bento (2022) e Walker (2021), apresentam ideias que se complementam oferecendo a compreensão que, a partir de épocas distintas, esse pacto vai ser emoldurado, recriando condições contrastantes, mas que denotam um mesmo papel: o de homogeneizar os espaços, invisibilizando a população negra e a sua cultura. No caso de Bento (2022), esse papel não vai ser de forma consensual, assim como no caso dos escritores que Walker analisa em épocas anteriores, isso porque a nova face dessas discriminações é produzida pelo viés da negação.

Ainda, Bento (2022) menciona que a branquitude usa de um discurso para tentar camuflar as desigualdades nos postos de trabalhos que seria proveniente da qualificação dessas pessoas que são majoritariamente brancas. O discurso envolve o uso do termo da meritocracia para justificar esse quadro e manter, então, os privilégios advindos. Com isso, esse detalhe vai influenciar ainda mais o sistema que tende a reforçar a ausência de pessoas negras nos setores.

Em uma outra perspectiva dessa argumentação, o significado estaria na interpretação de que as pessoas afrodescendentes não seriam capazes o suficiente de ingressarem nessas grandes empresas. Com isso, Bento argumenta que a dinâmica invisível da narrativa é velada ao continuar contribuindo não diretamente, mas consciente ou inconsciente, para a invisibilidade dos negros em espaços dominados por brancos.

No entanto, a autora (p. 23, 2022) defende a ideia de que:

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas.

O exposto ainda explicita como a meritocracia não é uma justificação coesa. Pelo contrário, é parte de uma “herança histórica” que é perpetuada silenciosamente nas diferentes manifestações que mantém a sociedade em movimento, mas que é válida para aqueles que fazem parte do coletivo de pessoas brancas que se apossam dos respectivos privilégios sem disporem de uma consciência crítica quanto a eles, pois é um costume tido como normal para estes que negam tais privilégios.

Em concordância, uma das questões abordadas por McIntosh (1989) se alinha ao pensamento de Bento (2022) ao indicar que a dominação proveniente da branquitude desencadeia um discurso da existência da igualdade entre as raças - meritocracia, termo que foi usado por Bento para destacar a dialética das empresas e instituições -, omitindo a existência de uma relação de poder que torna vantajoso para a branquitude, por outro lado, excluindo a negritude.

A ideia de privilégios da supremacia branca pode ser refletida a partir da personagem Clare, uma das protagonistas da obra aqui objeto de análise, *Identidade*, por ser miscigenada ⁶com a pele muito clara a ponto de se passar por uma pessoa branca, passando a viver como tal. Aliás, casa-se com um homem branco e bem-sucedido, usufruindo de todos os privilégios da branquitude que eram possíveis para ela, pois ainda era uma mulher, como frequentar os espaços que são

⁶ No livro é mencionado que a personagem seria uma “bastarda”, ou seja, uma filha fora do casamento e por isso ela tem uma parte da família branca.

destinados aos brancos, e não sofrer os preconceitos e discursos de ódio que são destinados aos negros.

Decerto, os privilégios enumeram diversas vantagens para a branquitude que, ao contrário, não são tidas como vantagens para o grupo racial negro, mas denotam uma partícula negativa de marginalização, encruzilhando as pessoas negras, isso é o que a autora chama de *herança*, sendo elas as que são positivas para os brancos, enquanto o outro grupo sofre as consequências dessas heranças negativamente. De modo similar, McIntosh defende que com esses privilégios as *vantagens* se fazem presente, confirmando a ideia defendida pela autora anterior.

Nesse sentido, em concordância com o pensamento de Bento (2022) em que ela descreve como os espaços profissionais são reorganizados pelo sistema a branquitude decorrente a uma padronização das relações que rondam os privilégios da branquitude, McIntosh (1989), também, percebe um protótipo que descreve como as relações de privilégios são elaboradas, fazendo com que as estruturas sociais funcionam concisamente e diretamente para a vantagem da branquitude:

Na proporção em que o meu grupo racial se tornava confiante, confortável e alheio, outros grupos estavam provavelmente a tornar-se inconfiáveis, desconfortáveis e alienados. A brancura protegia-me de muitos tipos de hostilidade, angústia e violência, que eu estava a ser subtilmente treinado para, por sua vez, atacar as pessoas de cor.⁷

Ademais, McIntosh (1989) destaca que o coletivo branco usa subitamente um tratamento velado que é passado para os outros da mesma cor, de maneira a persuadir o mesmo olhar para com o coletivo negro que faz agir discriminante e atacar a negritude sem que tais ações sejam percebidas como errôneas, pois não existiria no conhecimento da branquitude uma relação de dominância dos brancos para os negros, mas de qualificação.

Convém destacar ainda que essa vantagem, devido aos privilégios da branquitude, também está relacionada para proteger tudo aquilo relacionado a branquitude por completo, desde a área psicológica, onde a confiança é construída

⁷ *In proportion as my racial group was being made confident, comfortable, and oblivious, other groups were likely being made unconfident, uncomfortable, and alienated. Whiteness protected me from many kinds of hostility, distress and violence, which I was being subtly trained to visit, in turn, upon people of color.*

para a reprodução dos preconceitos, até os postos das empresas que, como supracitado, são preenchidas por pessoas brancas e mantidas para as gerações que obterão futuramente o poder de consumo para continuar no posto de dominação social.

Essa disparidade se estabelece sutilmente instalando uma ideia de que a existência da escravidão não é mais atual, todavia, remonta apenas a uma transformação para uma imersão mais sutil, como é o caso do racismo estrutural que se instala quase que imperceptível, haja vista, alega a não existência dessa discriminação racial.

Ainda, como mencionado, os homens brancos que estão a frente majoritariamente dos espaços, continuam a elevar os benefícios, suprimindo os espaços das mulheres, que vêm tendo um certo diferencial, mas ainda em uma baixa porcentagem de protagonismo feminino.

Por fim, as combinações de pensamentos de Bento (2022) e McIntosh (1989) proporcionaram uma visão mais ampla sobre a dinâmica de privilégios que circulam na sociedade, acentuando de maneira positiva as possibilidades para o coletivo da branquitude. As ideias de Bento ao abordarem os locais profissionais e o maquinismo utilizadas pelos brancos nas seleções para determinarem a predominância da brancura nos espaços por meio da dialética da meritocracia e, por sua vez, a metáfora da mochila invisível que expõe como os privilégios das pessoas brancas são esquecidas, naturalizando-os, proporciona uma visão clara do sistema branco.

2 DO TEXTO À TELA: LINDA HUTCHEON E A TEORIA DA ADAPTAÇÃO

Nossa análise se sustenta na base da teoria da adaptação cinematográfica de Linda Hutcheon e sua obra *Uma Teoria da Adaptação* (2011). A autora destaca pontos relevantes sobre a transposição de palavras para imagens, delimitando e argumentando conceitos fundamentais da tradução cinematográfica.

Em um primeiro contato, Hutcheon argumenta que o filme é, além de tudo, um exercício de “simplificação” (Hutcheon, 2011). Isto é, ao adaptar um romance, por exemplo, é importante considerar que nem tudo será igualmente representado. Dessa forma, grande parte do enredo é filtrado e pode ser mantido com fidelidade à história originária ou, a depender, partes podem ser até mesmo ocultadas e/ou cortadas. É possível que sejam, além disso, transformadas, mas a essência da obra permanece.

Decerto, detalhes que nos envolvem em um livro podem parecer distantes em alguns momentos ao assistir a um filme. Uma obra escrita, por outro lado, precisa passar por diversos cortes, ou seja, omissão de cenas, para se encaixar no formato cinematográfico, considerando que um filme não ultrapassa mais que duas horas e meia de duração.

Além disso, o ato de adaptar não é recente; remonta desde à época das tragédias shakespearianas, quando eram adaptadas para o teatro. Inclusive, a primeira adaptação de destaque no cinema foi a narrativa *Cinderela*, em que o francês George Méliès dirigiu em 1899. No entanto, Hutcheon aponta para uma grande crise relacionada à adaptação: a falta de reconhecimento acadêmico. Essa questão pode estar ligada ao que é considerado criativo ou não. Contudo, a transposição é uma nova maneira de expressar arte.

O cinema possui sua própria linguagem, que se distingue da linguagem da obra escrita e exige alterações para se adequar a ela. Por exemplo, o romance *Identidade* está escrito em 159 páginas, enquanto sua adaptação tem uma duração de uma hora e trinta e nove minutos. Assim, a produção cortou diálogos e cenas para se ajustar não apenas ao tempo disponível como também ao que envolve o

orçamento que é direcionado à produção do filme, assim recriando a narrativa para o cinema.

Sobre isso, Hutcheon (2011, p. 24) argumenta que:

Todos esses adaptadores contam histórias a seu próprio modo. Eles utilizam as mesmas ferramentas que os contadores de histórias sempre utilizaram, ou seja, eles tornam as ideias concretas ou reais, fazem seleções que não apenas simplificam, como também ampliam e vão além, fazem analogias, criticam ou mostram seu respeito, e assim por diante. As histórias que contam, entretanto, são tomadas de outros lugares, e não inteiramente inventadas.

A partir do exposto, podemos concluir que a adaptação não é uma tarefa trivial; requer um olhar atento à obra originária para transformá-la em uma nova forma de expressão, alinhada às intenções do material pré-existente e com as direções criativas de quem dirige o roteiro cinematográfico.

A obra originária, ou “fonte”, como é chamada pela autora, serve como ponto de partida para a adaptação, e não como uma mera sublimação da criatividade nem como plágio. Em vez disso, o romance passa por um processo de reciclagem, no qual os elementos principais da história são reutilizados. No entanto, essa reutilização ocorre em um novo contexto, promovendo uma experiência renovada, como é o caso de uma narrativa verbal transposta para a linguagem cinematográfica.

A “repetição com variação” (Hutcheon, 2011, p. 25) é um aspecto crucial da teoria de Hutcheon. As adaptações são amplamente consumidas desde sempre nos cinemas, e a autora argumenta que elas se destacam devido à sensação de memória e revisitação que proporcionam. Vale ressaltar que a relação da obra adaptativa com a originária não diminui o processo criativo envolvido.

Além disso, outra questão levantada pela autora é a relação entre a produção de adaptações e os lucros gerados, uma vez que a adaptação de uma obra narrativa já bem-sucedida garante que o mesmo público se interesse em acessar essa história em outra mídia. Assim, a indústria desempenha um papel relevante nas adaptações cinematográficas. No caso da adaptação cinematográfica de um romance, é necessário interpretar a obra originária e reescrevê-la para uma nova ambientação. Todo o processo de criação de imagens envolve uma série de decisões de

configuração que caracterizam a adaptação cinematográfica. É preciso interpretar expressões, vestimentas, ângulos e sombras das imagens para garantir que transmitam de forma eficaz a intenção desejada, entre uma infinidade de questões relacionadas.

Além do exposto, uma outra parte relevante do texto de Hutcheon é quando ela chama as adaptações de “obras inerentemente palimpsestuosas” (2011, p. 27). Isso significa que as adaptações ecoam uma voz que vem das obras originárias; dessa forma, mesmo que sejam novas criações, essas obras são repletas de referências a obras anteriores. Assim, ao assistir a um filme que é uma adaptação, perceberemos “ecos, citações e referências” (2011, p. 28) de outras obras.

Ainda sobre a questão anterior, é importante abordarmos obras das mais diversas linguagens, não apenas adaptações, como intertextos. Uma obra sempre terá ligações com outras obras. Todavia, cada uma, ainda assim, é criativa e autônoma. No caso das adaptações, isso significa que elas apresentam uma “dupla” intertextualidade. Ou seja, além da intertextualidade com outras obras, haverá a obra originária da qual se adaptou.

Ademais, Hutcheon (2011) defende que a obra adaptada possui três perspectivas distintas que se entrelaçam. Apenas as duas primeiras nos interessam, que são, segundo a autora, a adaptação como um “produto formal” e um “processo de criação”. É através dessas perspectivas que as obras podem ganhar uma nova interpretação.

A adaptação como “produto” se relaciona com o que já discutimos, ou seja, a obra que se teletransporta para uma nova mídia, podendo inclusive envolver a mudança do gênero da obra. Assim, “a transposição também pode significar uma mudança do relato histórico ou biográfico para uma narrativa ou peça ficcionalizada” (2011, p. 29). Dessa forma, através da adaptação, é possível escolher uma nova ambientação que se passa em outra década, por exemplo.

No que diz respeito à adaptação como “processo”, Hutcheon explica que a adaptação é “uma (re-)criação” (p. 29). A autora defende a ideia de que a obra adaptada representa um novo ponto de vista; assim, a obra passará por uma reinterpretação que será utilizada para o que se deseja mostrar. Também podemos

entender o processo como uma herança que continuará sendo moldada por gerações.

Finalmente, a obra adaptada se define com duas palavras básicas: contar e mostrar. A obra narrada, como é o caso dos romances ou contos, ao utilizar palavras, se diferencia das adaptações fílmicas, que se baseiam no “mostrar” dessas narrativas. Isso significa que, durante as narrações, o narrador nos guia a partir dos pontos de vista dos personagens. No que se refere ao “mostrar” nos filmes, esse acesso passa por outros campos do psicológico, pois é preciso interpretar o que é mostrado, já que não há esse guia narrador.

Por fim, os pontos abordados fornecem uma contribuição significativa para a compreensão das particularidades da adaptação cinematográfica, sendo essenciais para o estudo em questão. Em seguida, faremos uma análise mais aprofundada da obra, aplicando as teorias que discutimos anteriormente.

2.1 A DINÂMICA DO COLORISMO ATRAVESSADA PELO PRIVILÉGIO BRANCO NAS PERSONAGENS DA TRAMA

O enredo principal da obra *Identidade* concentra-se na história de duas mulheres negras, Irene e Clare, que possuem tonalidades de pele tão claras que podem se passar por mulheres brancas na sociedade branca de maneira imperceptível. Há uma diferença marcante entre elas: Irene, casada com um homem negro de pele escura e mãe de dois filhos também de pele escura, não oculta sua identidade e se engaja em questões que buscam promover o empoderamento negro, expressando claramente seu orgulho por seu povo.

Clare, por outro lado, vive uma identidade fragmentada. Ela adotou uma vida como mulher branca, casou-se com um homem branco racista – que desconhece sua verdadeira identidade – e tem uma filha com pele clara, pela qual expressa gratidão, temendo que a pele escura possa surgir em seus futuros filhos e optando por não ter mais filhos por causa disso.

Após um longo período, as duas mulheres se reencontram em uma cafeteria, um espaço frequentado exclusivamente por pessoas brancas, gerando uma tensão

significativa. Essa tensão decorre do fato de que Irene não consegue reconhecer Clare imediatamente, o que dá início à trama que se desenrola.

O desfecho da história é marcado por uma cena de alto impacto, em que Clare cai da sacada durante uma festa, resultando em sua morte iminente. Esse momento de intensa tensão e mistério provoca diversos questionamentos por parte de quem lê, sem oferecer respostas definitivas.

A trama é repleta de contradições nas vidas das personagens. Embora se passe em uma época em que as pessoas negras estão conquistando espaço com sua cultura, as personagens são profundamente afetadas tanto pelo colorismo quanto pelo privilégio, questões que estão interligadas. Nesse contexto, Clare é absorvida pela branquitude, vivendo em constante dualidade, enquanto Irene, apesar de seu orgulho em relação ao seu povo, também se vê em situações contraditórias.

Nesse sentido, são as personagens que refletem as tensões transmitidas pela trama. Em primeiro lugar, para quem lê e quem assiste, o ponto de vista de Irene, que narra a história e nos apresenta a trama através de seus olhos e reflexões, levanta diversas perguntas sobre o desfecho enigmático de Clare, deixando uma sensação de mistério e incerteza da mesma maneira que é o que Irene tem acesso.

Assim, embora o colorismo permaneça como tema central em ambas as obras — a versão cinematográfica e a narrativa literária —, a exploração visual desse tema no filme diverge das nuances literárias da obra original, alterando completamente a forma como a história é apresentada.

Na obra literária, Larsen (2020) utiliza principalmente a introspecção da personagem Irene e seu ponto de vista sobre Clare para criar a tensão racial relacionada ao colorismo. Isso pode ser percebido no romance através dos pensamentos de Irene e das conversas com seu marido, cujos diálogos incluem partes que não foram utilizadas no filme.

Na adaptação, a linguagem visual evoca a narração de Irene, como no caso do foco da câmera na personagem, indicando que a trama é contada por ela. Além disso, jogos de luz, como a iluminação e a posição da câmera que define o enquadramento — pertencente à área da fotografia no cinema — são usados para amplificar essa dinâmica.

Neste contexto, o primeiro foco desta análise é a cena de abertura Figuras 1 (00:07:03) e 2 (00:07:40) que marca o início da trama com o reencontro espontâneo de Irene e Clare em uma cafeteria. Irene, afetada pelo calor intenso, decide parar para beber um chá e se refrescar. Nesse momento, ela se depara com uma mulher que a encarou intensamente: Clare, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 1 – Frame em que Irene olha para baixo em sinal de desconforto



Fonte: Netflix

Figura 2 – frame em que Clare encara Irene



Fonte: Netflix

Nas duas primeiras frames (Figuras 1 e 2), que correspondem à cena inicial, é crucial explorar o uso da fotografia em preto e branco, uma escolha que acompanha o filme do início ao fim. Essa decisão reflete as escolhas que vão impactar a quem lê a obra ou assiste a adaptação. No contexto do tema central do enredo – o colorismo – podemos afirmar que essas decisões estão alinhadas com essa questão.

Na tela, as características físicas das personagens são apresentadas ao público de maneira dada. Ou seja, o espectador(a) não precisa recorrer ao campo psicológico da imaginação para supor como seria a ambientação, os sons e as cores. O filme *Identidade*, produzido em preto e branco, evidencia a problemática racial de uma maneira que é menos perceptível no romance. Além disso, o livro não pode empregar o mecanismo do preto e branco.

Portanto, a escolha pelo preto e branco não é meramente uma preferência estética, mas carrega um simbolismo significativo para o desenvolvimento da trama, especialmente no que tange às questões raciais das personagens. Assim, a escolha recria um plano misterioso, destacando a facilidade com que mulheres negras como Irene e Clare têm passabilidade branca devido à tonalidade clara de sua pele.

Além disso, o enredo é permeado por ambiguidade e incertezas, especialmente na cena final com a morte de Clare, cujo destino permanece obscuro e aberto à interpretação do leitor – não sabemos se ela se joga ou cai. Nesse sentido, a ferramenta do preto e branco intensifica esses questionamentos durante a trama, especialmente até o clímax da narrativa.

No romance, embora a presença da linguagem visual não seja possível para definirmos o tema, a contribuição da narrativa serve como um alicerce para isso. A descrição apresentada reflete a introspecção de Irene, destacando as complicações de viver em uma sociedade racista e o medo constante de estar em um lugar onde pessoas negras não são aceitas.

No texto literário, acessamos a perspectiva psicológica de Irene de maneira distinta do filme em que apenas acompanhamos a vida dela, como um terceiro telespectador, observando as suas ações. Para isso, o enquadramento (Figura 1) transporta Irene para mais perto de nós em oposição a Clare que se encontra em um plano americano, ou seja, ela está distante, sendo olhada por Irene, e se mistura com o ambiente, disputando-o. Isso faz com que nos aproximemos mais ainda dela.

Um ponto crucial para nossa análise é como as personagens são adaptadas do texto para o formato cinematográfico. Hutcheon (2011) observa que as personagens são “transportadas de um texto a outro”, desempenhando um papel fundamental nos efeitos retóricos e estéticos de textos narrativos e performativos,

pois engajam a imaginação dos receptores através do que ela denomina de reconhecimento, alinhamento e aliança (Smith *apud* Hutcheon, p. 33).

Dessa forma, as personagens Irene e Clare são transpostas para o cinema com o objetivo de preservar a essência da obra, podendo ocorrer modificações em suas características. No livro, conforme a visão de Irene, Clare é descrita por Irene como “uma mulher atraente, com aqueles olhos escuros, quase negros, e a boca de lábios grossos que lembrava uma flor escarlate em contraste com a mármore da pele” (Larsen, 2020, p. 19), além de exibir uma postura confiante.

A personagem Clare adota essa postura confiante, adquirida através de sua convivência em ambientes predominantemente brancos. McIntosh (2010) explica que essa postura é um produto do privilégio branco, derivado da negação desse privilégio. Em outras palavras, “mantém a maioria das pessoas — pessoas brancas — sem saber que a liberdade de agir com confiança está disponível apenas para um pequeno número de indivíduos”. Além disso, “sustenta aqueles que estão no poder e serve para manter o poder nas mãos dos mesmos grupos que já possuem a maior parte dele” (McIntosh, p.4)⁸. Ou seja, uma perpetuação das vantagens adquiridas pela branquitude.

Por outro lado, no caso de Irene (Figura 1), ela não é uma personagem confiante. Ao adentrar um espaço destinado a pessoas brancas, como no estabelecimento "Drayton", é possível deduzir que ela se sente acanhada e desconfortável. Irene esconde o rosto com o chapéu que usa e mantém o olhar baixo, como se estivesse sendo observada ou perseguida, embora, em alguns momentos, seu olhar transmita tranquilidade. Além disso, o enquadramento que a retrata a posiciona de forma inferior, visto que o público a vê de cima.

No livro (Larsen, p. 22), esse sentimento de insegurança fica evidente quando Irene expressa que:

sentiu raiva, desprezo e medo se infiltrarem. Não que tivesse vergonha de ser negra, não se envergonhava nem mesmo de dizer isso. Era a ideia de

⁸ *“keeping most people unaware that freedom of confident action is there for just a small number of people props up those in power and serves to keep power in the hands of the same groups that have most of it already”*

ser expulsa de um lugar, ainda que do modo polido e diplomático com que a equipe do Drayton provavelmente faria, que a incomodava.

No excerto acima, evidenciam-se as preocupações que rondam a mente de Irene, uma mulher negra, que expressa seus sentimentos de maneira clara para o leitor. Como mencionado anteriormente, no cinema, essa questão é abordada por meio de diferentes mecanismos, como a maneira pela qual Irene transmite seu nervosismo e medo—sentimentos que não são imediatamente acessíveis. No entanto, se tornam evidentes posteriormente, com o início da conversa entre as duas.

Além disso, em outro momento da cena, quando as duas mulheres dialogam e se atualizam sobre a vida uma da outra, Irene levanta uma questão sobre a passibilidade de Clare, questionando o processo de inserção na sociedade branca. Clare, por sua vez, aborda diretamente essa dinâmica de privilégio branco ao explicar a facilidade com que se passou por uma mulher branca, atribuindo isso ao fato de ter o “tipo” ideal para tal: a pele clara. No romance (Larsen, p. 33), Clare afirma que:

"Sabe, Rene, várias vezes me perguntei por que outras meninas de cor, meninas como você, Margaret Hammer, Esther Dawson e... ah, tantas outras... nunca fingiram ser brancas. É uma coisa tão fácil de fazer. Se a pessoa tem o tipo certo, tudo que precisa é um pouco de coragem". (...) — Você ficaria surpresa, Rene, se soubesse como as coisas são mais fáceis com os brancos do que com a gente.

No trecho, a passibilidade de Clare é uma decisão explicada pela "bagagem invisível de bens" (McIntosh, 1989) que acompanha a branquitude. No entanto, não se trata apenas disso. O "tipo certo" que Clare menciona refere-se ao fato de que as mulheres descritas possuem a pele clara, o que lhes permite serem vistas como brancas e facilita o acesso a certos privilégios ao optar por viver dessa maneira. Assim, Clare consegue acessar os privilégios da branquitude, que envolvem vantagens econômicas e sociais, sustentados por um pacto tácito entre pessoas brancas.

Esse fator remete ao pacto narcísico descrito por Bento (2022), que explica como esses privilégios são preservados pela branquitude. O processo que Clare

descreve como "fácil" nada mais é do que a invisibilidade de um acordo implícito entre brancos, que, embora não seja discutido abertamente, existe e opera sem que os envolvidos percebam conscientemente. Clare, portanto, personifica a branquitude e demonstra como uma pele clara, próxima da pele branca, pode ser um fator primordial para acessar o poder hegemônico.

Na Figura 3 (00:24:40), frame da cena seguinte da trama, apresenta um outro momento relevante para nossa análise. Irene é servida por sua empregada doméstica, uma mulher negra de pele retinta, enquanto se acomoda para ler as cartas que chegaram pelo correio. Durante a narrativa, há apenas um momento em que Irene descreve as características de Zulena. Por outro lado, na adaptação cinematográfica, o nome de Zulena é mencionado apenas uma vez, e suas características físicas são reveladas pela escolha da atriz para o papel.

Figura 3 – Frame em que Irene é servida por Zulena, a empregada doméstica.



Fonte: Netflix

Na adaptação cinematográfica, Zulena é mencionada poucas vezes, quando seu nome é chamado por Irene. Em outras cenas em que ela aparece, seu nome não é mencionado. Em contraste, no romance, temos acesso a informações mais detalhadas sobre Zulena através da descrição fornecida por Irene, que é a narradora da trama.

Todavia, podemos observar que o enquadramento na imagem coloca as duas mulheres no mesmo espaço, sem destacar ou diminuir uma em relação à outra. Isso

sugere um estado de aceitação mútua das identidades das duas mulheres. Dessa forma, ambas estão representadas em um mesmo estado, indicando uma igualdade perceptiva entre elas.

Na perspectiva de Irene, Zulena é descrita como “uma pequena criatura cor de mogno” (Larsen, p. 71, 2020). A descrição de Zulena como “cor de mogno” sugere que ela não possui uma pele clara, uma vez que essa cor remete a uma tonalidade mais escura de madeira. Dessa forma, Zulena se destaca como uma figura que se opõe a Irene e Clare, pois sua pele mais escura não permite que ela “se passe” por uma mulher branca.

Como discutido na seção teórica sobre colorismo, Walker (2021) observa que há diferenças significativas na vida das mulheres negras dependendo de seu tom de pele. Irene, por exemplo, é uma mulher negra com a capacidade de acessar certos privilégios associados à branquitude, podendo até mesmo se passar por branca se desejasse. Ela é casada com um médico, e não precisa trabalhar, o que reflete sua posição de classe elevada.

Em contraste, Zulena, cuja pele mais escura a impede de se passar por branca, trabalha na casa de Irene, indicando uma posição de classe inferior e a necessidade de trabalhar. Isso permite uma análise interseccional das três personagens e suas posições sociais.

Clare está em uma posição privilegiada em relação a classe e a raça, quase branca, assegurando os privilégios negados à negritude através do pacto narcísico da branquitude; Irene, que não oculta sua cultura, ainda possui acesso a privilégios; e, por último, Zulena, que representa a mulher negra sem acesso a privilégios, estando na base da hierarquia.

Além disso, podemos associar Zulena como a personificação da figura da *Mammy*⁹. Essa figura é, segundo Patrícia Hill Collins (2002), um estereótipo que se baseia em um apanhado de características que são impostas pela branquitude a fim de definir papéis direcionados às mulheres negras. Nesse caso, a figura mencionada

⁹ A citação consta que: “Ao amar, alimentar e cuidar dos filhos e das “famílias” brancas melhor que dos seus, a *mammy* simboliza as percepções do grupo dominante sobre a relação ideal das mulheres negras com o poder da elite masculina branca. Mesmo que seja querida e tenha autoridade considerável em sua “família” branca, a *mammy* conhece seu “lugar” como serviçal obediente. Ela aceita sua subordinação” (Collins, p. 159-160,2019).

descreve a mulher negra como subserviente e empregada doméstica, além de ser caracterizada como mulher de pele retinta.

Portanto, ao analisar as três mulheres sob uma perspectiva interseccional, observamos que Zulena, com sua pele escura, ocupa a posição mais baixa, onde as opressões relacionadas a raça e classe se entrelaçam. Por outro lado, a mulher negra de pele clara tem a possibilidade de acessar privilégios associados à branquitude e até mesmo se passar por branca, algo que não é viável para Zulena.

Além disso, ao considerar a posição de classe de Irene, podemos observar a descrição de seu trabalho por seu marido ao discutir a organização do baile beneficente. Em uma conversa com Irene, seu marido faz uma afirmação hostil sobre o trabalho que tem tido, dizendo (Larsen, 2020, p. 74):

Ajudar os irmãos não é fácil. Também ando mais ocupado que um gato pulguento. – Uma expressão sombria passou pelo rosto dele. – Senhor! Como eu odeio gente doente, e aquelas famílias estúpidas deles se metendo, e aquelas salas fedidas, sujas, e ficar subindo escadas nojentas em corredores escuros...

Brian é médico e, além de colaborar com Irene na organização de bailes beneficentes e eventos comemorativos que celebram a pele negra entre pessoas negras e brancas, ele também utiliza um discurso que menospreza as pessoas negras, repetindo o padrão de desprezo frequentemente dirigido à negritude pelos brancos. Irene, por sua vez, confirma a afirmação de Brian com um simples "Com certeza", reforçando a ideia apresentada.

Nesse contexto, observamos um padrão recorrente que permeia a reprodução de preconceitos classistas ligados à branquitude, transmitido ao coletivo ao qual essas pessoas pertencem. Isso contribui para uma compreensão mais profunda da posição de classe na qual Irene está inserida.

A posição de Irene como uma mulher negra de pele clara, capaz de se passar por branca, destaca os mecanismos da branquitude dentro do conceito do pacto narcísico. A branquitude utiliza a exclusão não apenas em termos raciais, mas também em termos de poder socioeconômico, estabelecendo uma negociação entre

proximidade com a branquitude e privilégios sociais, sendo Irene um exemplo dessa dinâmica.

Outrossim, essa questão lança luz sobre a como esse pacto alcança diversas esferas sociais – raça, gênero e classe -, mantendo a branquitude no topo das hierarquias de poder, assim estendendo-se àqueles que mais se aproximam de suas características. Bento (2020, p. 24), justifica que essa hierarquia faz parte de uma herança histórica que está:

Inserida na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo.

Dessa forma, o pacto da branquitude é fortalecido por um laço invisível, permitindo que todos dentro desse coletivo sejam beneficiados. Para que isso se mantenha, é necessário que as pessoas brancas protejam umas às outras, como acontece com a personagem Clare. Ao se identificar como branca, Clare passa a receber a proteção da branquitude e, conseqüentemente, os privilégios que acompanham essa identidade.

Em outras palavras, Clare não precisa justificar sua branquitude; ao viver dessa forma, ainda que as pessoas brancas desconhecem sua verdadeira identidade, ela é beneficiada e inconscientemente aceita e protegida pelo sistema racial dominante.

No entanto, ao mesmo tempo que Clare ganha por ser vista como branca, ela perde parte de sua independência, já que seu verdadeiro "eu", a Clare que pertence à negritude, é ocultado. Nesse sentido, ela passa a viver uma personalidade que não reflete sua essência, e ao longo da trama suas falas deixam rastros dessa dualidade.

Por outro lado, Irene, embora demonstre certo desconforto com sua negritude, não se impede de usufruir dos privilégios ao acessar espaços reservados aos brancos. Ao contrário de Clare, porém, Irene tem orgulho de sua cultura e não a nega. Assim, as duas personagens, Irene e Clare, representam lados opostos de uma mesma questão: o impacto de "passar-se" por branca e a luta interna entre pertencimento e orgulho por suas origens.

Na tentativa de viver usufruindo dos privilégios da branquitude, Clare enfrenta a completa negação de suas raízes. Podemos observar essa dualidade em sua personalidade na seguinte cena, que analisaremos. Clare se torna uma personagem complexa, envolta em contradições.

Na cena 3, Figuras 4 (01:27:48), 5 (01:28:04) e 6 (01:28:17), que corresponde ao clímax do enredo, uma das festas organizadas por Irene está em andamento quando o marido de Clare entra no salão à sua procura. Nesse momento, ele descobre que Clare não é quem dizia ser, mas sim que pertence ao coletivo negro. Logo em seguida, ocorre a morte de Clare, que cai do prédio pela sacada onde a festa acontecia.

Esse momento não é explicado claramente na narrativa, tanto no filme quanto no romance. Todavia, a discussão que envolve essa cena sugere que Clare aceita seu destino, vivendo dentro de uma ilusão, e que sua queda do prédio seria uma ação proposital. Na cena, Clare olha diretamente para Irene enquanto derrama lágrimas, mas logo se recompõe, voltando à sua postura de força e confiança.

Figura 4 – Clare olhando Irene antes de cair da sacada.



Fonte: *Netflix*

Figura 5 – Irene deixa uma lágrima cair enquanto olha para seu marido.



Fonte: *Netflix*

Figura 6 – Clare se recompõe, ao olhar seu marido pela última vez.



Fonte: *Netflix*

Nesse momento, como mostrado na Figura 4, o enquadramento foca em Clare e Irene, não permitindo mais que Irene seja vista de cima, nem que Clare se misture ou dispute o ambiente. No entanto, as duas são posicionadas à mesma altura, sugerindo um leve sinal de cumplicidade e compreensão entre elas.

No romance, podemos encontrar diversos momentos em que Clare deixa claro em suas falas o descontentamento com a vida que leva e o desejo de voltar ao Harlem, onde cresceu, perto do coletivo negro, abandonando a vida de branquitude à qual se submeteu. Todavia, há empecilhos que a impedem de realizar esse desejo.

Em uma conversa com Clare, antes do baile final, Irene pergunta se ela nunca pensou na possibilidade de ser descoberta por seu marido e o que faria se isso acontecesse. A resposta de Clare foi (Larsen, 2020, p.142):

- Faria aquilo que quero fazer mais do que tudo no momento. Viria morar aqui. No Harlem, digo. E então poderia fazer o que quisesse no momento em que quisesse.

Além disso, ela responde que a sua filha é maior motivo de ainda não ter deixado a branquitude:

- Veja, Rene. Se não fosse por ela, já teria me mudado. Ela é o que me segura. Mas se Jack descobrir, se nosso casamento acabar, posso ir embora. Não?

A partir do exposto, podemos presumir que Clare, mesmo que tenha transmitido uma personalidade forte e segura, ela se sente deslocada e sempre remete a volta ao seu lugar do lado de seu verdadeiro povo. Todavia, podemos assimilar tal questão com as afirmações sobre as vantagens e benefícios que se ganha com a branquitude.

Clare, ao dizer que voltaria a sua terra após ser descoberta, utiliza de um dos discursos invisíveis das vantagens que faz parte da branquitude que seria o poder de “fazer o que quisesse”. A sua fala se alinha com as expectativas que ela é acostumada, ou seja, uma vida sem preocupações que é possível na branquitude. Nas palavras de McIntosh (2010, p. 2), ela declara que a cor branca de sua pele foi:

Um recurso para qualquer movimento que eu fosse educada a querer fazer. Eu podia me ver como pertencente de maneira significativa e fazer com que os sistemas sociais funcionassem a meu favor. Eu podia livremente depreciar, temer, negligenciar ou ser indiferente a qualquer coisa fora das formas culturais dominantes (Tradução nossa).¹⁰

¹⁰ *An asset for any move I was educated to want to make. I could think of myself as belonging in major ways and of making social systems work for me. I could freely disparage, fear, neglect, or be oblivious to anything outside of the dominant cultural forms.*

Dessa forma, os privilégios associados à branquitude favorecem o coletivo branco. A personagem Clare acredita que não haverá qualquer problema em ser descoberta, pois a branquitude é treinada para se sentir confortável em diversos espaços. A pessoa branca é preparada para se beneficiar de certas oportunidades, como se houvesse uma facilidade natural para alcançar o que deseja.

Esse sentimento de pertencimento e segurança em espaços predominantemente brancos reflete a construção de uma identidade marcada pelo privilégio racial. Clare, ao "passar" como branca, adota essa postura de confiança, ignorando ou subestimando os riscos sociais que Irene, como uma mulher negra, enfrenta constantemente. Assim, o privilégio de Clare evidencia como o sistema social branco perpetua a superioridade racial, criando uma barreira invisível que impede a igualdade entre os grupos raciais.

Portanto, a análise das personagens em *Identidade* reforça e evidencia como as hierarquias de poder operam, tornando a cor da pele um fator determinante para o nível de aceitação social de uma pessoa. Dessa forma, a tonalidade da pele torna-se um critério que seleciona quem pode ter acesso às vantagens da "bagagem invisível de bens" e quem consegue se integrar ao "pacto narcísico".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se apresentar como o colorismo é um fator modelador das experiências das personagens negras da obra. Para isso, foi feita uma análise comparativa da obra *Identidade* (1929), romance de Nella Larsen, e a sua adaptação de cinema (2021), dirigida por Rebecca Hall. Assim, sendo possível compreender de que maneira a tonalidade da pele negra afeta as identidades das personagens Irene e Clare e como é abordada na mídia cinematográfica.

As personagens do romance, também retratadas na adaptação fílmica, são figuras que representam como o processo de passabilidade acontece a partir de um pacto efetuado dentro das paredes da branquitude. Esse pacto ocorre silenciosamente dentro das comunidades de pessoas brancas por gerações que tendem a ignorar diretamente ou indiretamente a problemática.

Para embasar a análise, foi necessário recorrer a uma revisão bibliográfica dos estudos teóricos sobre os principais temas no estudo, como o colorismo e a branquitude. Além de uma sucinta análise sobre os estudos da adaptação cinematográfica, a fim de um estudo aprofundado sobre as particularidades que envolve um processo de adaptação cinematográfica, e as estratégias usadas pela Rebecca Hall.

Na crítica literária sobre o colorismo, utilizamos o conceito da escritora Walker (1983), que explora como a tonalidade da pele interage com a identidade da mulher negra. Para discutir a branquitude, recorreremos aos estudos de Bento (2022), que analisa o pacto existente entre as pessoas brancas, além das contribuições de McIntosh (1989), que traz à tona a problemática dos privilégios associados à branquitude.

No âmbito dos estudos midiáticos, abordamos o texto de Hutcheon (2011), que analisa como a linguagem da adaptação cinematográfica é um trabalho autônomo, além de uma forma distinta de expressão. Assim, adaptar uma obra requer um estudo aprofundado da obra originária, especialmente no caso dos romances, para garantir que a transposição capture sua essência.

Partindo do conceito de feminismo interseccional, aqui o viés epistemológico, observamos como as personagens se inserem em mais de uma categoria de opressão que as dividem de acordo com o grau de afetação. Essa distinção serve como base para determinar o nível de aceitação social que cada uma recebe e, dependendo de como essas opressões se entrelaçam em suas vivências, quem consegue ou não ter acesso aos privilégios da branquitude.

Também, observamos que a obra da escritora Nella Larsen é de grande valia para estudo, pois ela sofreu um apagamento na história, assim como outras mulheres passaram pela mesma situação. Dessa forma, seu trabalho é fundamental para as contribuições aos estudos acadêmicos e pode incentivar aqueles que lerem este trabalho a continuar pesquisando sobre sua história e desenvolvendo outros trabalhos.

Por fim, os resultados apontam para como a discriminação racial, impulsionada pelo colorismo, molda as relações sociais das personagens negras. Isso afeta não apenas como elas são percebidas socialmente, mas também como elas se veem e se posicionam na sociedade. Dessa forma, além de lidarem com as dificuldades externas, elas chegam, como no caso da personagem Clare, a enfrentar crises identitárias a ponto de rejeitarem quem realmente são e optarem pela passabilidade branca.

Concluimos que o colorismo atua como uma força silenciosa que molda as experiências dessas mulheres na sociedade. As personagens negras que possuem passabilidade branca precisaram fazer escolhas difíceis ao decidirem esconder sua verdadeira identidade como negras. Clare, que vive dessa forma, além de ter se casado com um homem branco e racista, sendo obrigada a lidar com seus comentários preconceituosos.

Além disso, a branquitude é um fator que influencia diretamente o colorismo na questão socioeconômica. Clare se beneficia dos privilégios a que tem acesso, e isso foi determinante para sua passabilidade. Ela escolhe se passar por branca, algo incomum para mulheres negras que se auto afirmam como tal ou que não teriam a mesma oportunidade de passabilidade. Assim, Clare consegue viver de maneira confortável.

Por fim, o colorismo também exerce um impacto psicológico. Embora Clare demonstre confiança, ao longo da trama ela revela um sentimento de nostalgia e saudade de sua cultura negra, frequentemente expressando o desejo de abandonar a passabilidade branca.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. TED Global, 2009. Disponível em: Acesso em: 2024. Disponível em: [Chimamanda Ngozi Adichie: The danger of a single story | TED Talk](#).

CIDA, Bento. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista negro**: Conhecimento, consciência e a Política do Empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiros Dias. Boitempo. Edição PDF. Disponível em: [Pensamento feminista negro \(Patricia Hill Collins\) \(Z-Library\).pdf](#). https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em 2024.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

HUTCHINSON, George. **In Search of Nella Larsen: A Biography of the Color Line**. Annotated Edition. London: Belknap Press of Harvard University, 2006.

IDENTIDADE. Direção de Rebecca Hall. 1 filme (98 min). Estados Unidos: New York, 2021. Disponível em: [Netflix](#). Acesso em 2024.

LARSEN, Nella. **Identidade**. Tradução: Rogerio W. Galindo. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

MCINTOSH, Peggy. **White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack**, 1989. Disponível em: ["White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack" and "Some Notes for Facilitators" - National SEED Project](#)

MORRIESEN, Claudia. **Blackface no cinema: uma história de racismo**. Geledés, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/blackface-no-cinema-uma-historia-de-racismo/>. Acesso em: 29 set. 2024.

OLIVEIRA, Quéren M. P. **A Superação das Imagens de Controle no Conto "Everyday Use" (1973) de Alice Walker**: Uma Análise das Personagens Mama, Maggie e Dee. Trabalho de Conclusão de Curso, 2022.

WALKER, Alice. **In Search of Our Mother's Gardens**. Womanist Prose. Edição PDF. Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

Zora Neale Hurston: **Autor de Seus Olhos Vigiam a Deus**. [s.d.]. Greelane, 2018. Disponível em: <https://www.greelane.com/pt/humanidades/hist%C3%B3ria--cultura/zora-neale-hurston-biography-3529337/>. Acesso em: 22 out. 2024.